

POPULISMO DE DIREITA E DISCURSO POLÍTICO NAS CAMPANHAS PRESIDENCIAIS DE DONALD TRUMP E MARINE LE PEN

Matheus Hebling¹

Resumo: O populismo é uma sombra para a democracia e sua história não é recente. Tido como uma ideologia que procura criar uma oposição entre o povo puro e uma elite corrupta, o conceito de populismo pode ser aplicado a diferentes ideologias e perpassa diferentes regiões e momentos da história. O objetivo desse paper é verificar se podemos afirmar que as campanhas de 2016 e 2017 às Presidências norte-americana e francesa de Donald Trump e Marine Le Pen podem ser consideradas como populista. Metodologicamente, serão analisados os discursos das campanhas através da análise quantitativa de conteúdo aplicada no software QDA Miner/WordStat. A análise revela que grande parte dos atributos da direita populista são verificadas em ambas as campanhas.

Palavras-chave: Populismo; Discurso Político; Donald Trump; Marine Le Pen; Análise de Conteúdo.

Recebido em: 30/07/2021

Aceito em: 12/01/2022

¹ Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Campinas (Unicamp). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do Brazilian Research and Studies Center, BRaS, da Universidade de Würzburg. E-mail: matheushebling@gmail.com

RIGHT POPULISM AND POLITICAL SPEECH IN THE PRESIDENTIAL CAMPAIGNS OF DONALD TRUMP AND MARINE LE PEN

Abstract: Populism is a shadow for democracy and its history is not recent. Taken as an ideology that seeks to create an opposition between the pure people and a corrupt elite, the concept of populism can be applied to different ideologies and pervades different regions and moments of history. The purpose of this paper is to see if we can say that the 2016 and 2017 campaigns for the North American and French presidencies of Donald Trump and Marine Le Pen can be considered populist. Methodologically, the speeches of the campaigns will be analyzed through the quantitative analysis of applied content in the QDA Miner / WordStat software. The analysis reveals that much of the attributes of the populist right are verified in both campaigns.

Keywords: Populism; Political discourse; Donald Trump; Marine Le Pen; Content analysis.

1. Introdução

O populismo possui um relacionamento intrínseco com a democracia e o seu debate está ligado diretamente a como a interpretamos. Ambos os conceitos possuem uma referência central à regra de soberania do povo (ABTS e RUMMENS, 2007). Nesse sentido, Canovan (1999) aponta para as tensões inerentes ao desenho institucional da democracia. A democracia é, ao mesmo tempo, ideologia e prática da participação popular. Ela exige um complexo sistema de tomada de decisões que muitas vezes não é transparente, que resulta em uma profunda insatisfação do povo no que toque a instituições representativas.

De acordo com Urbinati (1998), o populismo é uma estratégia de reequilíbrio da distribuição do poder político entre os grupos sociais estabelecidos e emergentes, em um cenário no qual a tensão entre democracia liberal e do populismo decorre das maneiras em que estas ideologias percebem as relações entre as instituições representativas e a vontade do povo. Para os populistas, a principal função das instituições políticas não é servir como sistemas de freios e contrapesos, ou protetoras dos direitos civis, mas sim como ferramentas para traduzir a vontade da maioria em decisões políticas.

O populismo tem uma importante função, como aponta Kaltwasser (2014, p. 501, tradução do autor) de destacar que “a democracia é tanto um método pelo qual os governantes são escolhidos em eleições competitivas e um ideal sobre o auto-governo do povo - isto é, um sistema político em que o povo governa”. Em concordância com Freedon (1996) e mais especificamente Mudde (2004, p. 543, tradução do autor), definiremos populismo como “uma ideologia que considera a sociedade ser, em última instância, separada em dois grupos homogêneos e antagonistas, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, e que argumenta que a política deveria ser uma expressão da *volonté general* (vontade geral) do povo”. O populismo aqui é antes de tudo um conjunto de ideias caracterizadas por um antagonismo entre o povo e elite, bem como o primado da soberania popular, em que a vontade geral virtuosa é colocada em oposição à corrupção moral da elite. O *establishment* é atacado por seus privilégios, corrupção e falta de *accountability* com o povo.

A partir desta perspectiva da existência de populismo dentro de um sistema democrático, o objetivo desse *paper* é verificar se podemos entender as campanhas presidenciais norte-americana e francesa de Donald Trump e Marine Le Pen² como sendo populistas. Os casos foram escolhidos por ambos os países serem democracias estabelecidas e pelo apontamento que ambas as regiões – América do Norte e Europa – possuem exemplos de políticos considerados populistas ganhando espaço online e dentro de instituições (AALBERG ET AL., 2016; MOFFITT, 2016). Para

² Os discursos da candidata francesa foram gentilmente cedidos pelo *Laboratoire BCL (Bases, Corpus, Langage) – UMR 7320 - Centre national de la recherche scientifique*, França. Agradeço à Laurie Chiara e especialmente à pesquisadora Camille Bouzereau pela atenção e orientações.

tal, serão analisados os discursos de campanha dos então candidatos usando a metodologia de análise quantitativa de conteúdo (NEUENDORF, 2002; KRIPPENDORF, 2013), aplicada através do *software* QDA Miner/WordStat.

Essa metodologia nos possibilitará tratar quantitativamente os discursos, procurando identificar possíveis tendências populistas. Em um segundo momento, retirar-se-ão conceitos e palavras-chave comuns à direita populista, usando os traços apontados por Betz (1993), passando por uma análise qualitativa, que tentará compreender como determinadas características tidas como populistas pela literatura corrente aparecem nos seus discursos durante as campanhas de 2016, para a presidência norte-americana e de 2017, para a presidência francesa. Os resultados apontam para uma resposta positiva à pergunta colocada.

2. Populismo: conceito e variações

Embora a história do populismo não seja recente (WORSLEY, 1969), ainda há pouco consenso na literatura sobre o que devemos entender como populismo (MUDDE, 2004; KALTWASSER, 2014). De acordo com Kaltwasser (2014, p. 496), essa dificuldade é proveniente de razões analítica e normativa. A primeira discorre sobre o fato de que não há concordância em definir quais atributos podem ser associados ao conceito e a segunda, se populismo deve ser entendido como uma doença ou patologia ou se ele representa uma força democrática, originária de bases populares. Junto a isso, existem quatro diferentes abordagens para o seu estudo: a estruturalista, a econômica, a estratégica e a discursiva/ideológica. Faremos uma rápida tipificação de cada uma delas.

Para a abordagem estruturalista (*c.f.* GERMANI, 1978; OXHORN, 1998; KNIGHT, 1998), o populismo é fruto de transformações socioestruturais, resultado de determinado desenvolvimento econômico que cria classes sociais heterogêneas e setores marginalizados. Esse cenário é propício para o aparecimento de uma figura de liderança com aspectos populistas que consiga unir diversas classes em uma coalizão multiclassista que aja a seu favor. Kaltwasser (*ibid*) argumenta que é questionável a necessidade de existir tal aliança em todos os movimentos populistas.

A abordagem econômica (*c.f.* DORNBUSCH E EDWARDS, 1991; EDWARDS, 2010) coloca o populismo como sendo atitudes econômicas desastrosas promovidas por líderes populistas, muitas vezes associadas à redistribuição econômica que favorecem grupos pobres. Dado que tais políticas apenas possuem sucesso no curto prazo, a correção dos problemas que elas causam levam ao aprofundamento da desigualdade social e econômica.

A terceira abordagem (*c.f.* WEYLAND, 2001; MADRID, 2008), estratégica, vê o populismo em um cenário político-institucional, e está assentada na figura de um líder que governa através de meios não-institucionais, diretos e não mediados por instituições. O autor critica essa visão

por focar apenas no líder e ter os seguidores do mesmo como uma massa desorganizada, ignorando o fato de que o movimento populista pode ser *bottom-up*.

A quarta e última abordagem (FREEDEN, 1996; STANLEY, 2008; DE LA TORRE, 2010), discursiva/ideológica, baseia-se na distinção maniqueísta entre o povo puro e a elite corrupta, uma visão de mundo que é usada para criticar o *establishment* e construir uma visão romantizada do povo, monista e antipluralista.

Esse antagonismo e a primazia da soberania popular de nada importam sem a figura de um líder (ou organização, como um partido) carismático que encarne a conexão direta entre o povo e a democracia. De acordo com Kriesi (2014), esses líderes são tipicamente *outsiders*³, alguém que não esteja ligado à elite corrupta, agindo como porta-voz da vontade do povo. Assim como o povo é visto monoliticamente, assim é o líder ou organização política no poder. Por ser uma ideologia "fina"⁴, não associada a valores ideológicos específicos dentro do espectro político, podemos encaixar o fenômeno do populismo em diferentes correntes ideológicas, sejam elas à esquerda ou à direita.

Nesse trabalho, a abordagem a ser seguida será a ideológica. Essa escolha vem da possibilidade de comparação: ao usarmos a ideia de povo ou elite, por exemplo, nos referimos a conceitos amorfos e que podem mudar de acordo com onde ou quando elas forem utilizadas. Não apenas isso, mas essa abordagem também nos possibilita usar a ideologia ou discurso populista para analisar outros grupos, que não apenas ligados à política ou usados por políticos como uma estratégia eleitoral.

3. Populismo de direita: acepção e gênese

Embora populistas compartilhem os traços acima, quais seriam as especificidades do populismo de direita? Primeiramente, uma das noções-chave para compreendermos o populismo é o entendimento do povo para o líder. Enquanto a esquerda define povo como sendo uma classe, o povo para a direita é visto como nação (MÉNY e SUREL, 2000 *apud* KRIESI, 2014). O recorte desse trabalho está entre aqueles que se portam como populistas e que pertencem à direita radical, que comumente enfatiza o etnonacionalismo baseado em mitos do passado (RYDGREN, 2018).

Para Mudde e Kaltwasser (2013, o conceito de populismo pode ser diferenciado por ser "exclusivo ou "inclusivo". O primeiro é característico do populismo de direita Europeu e o segundo

³ A expectativa de termos sempre uma figura fora do *establishment* não condiz com a realidade. Muito mais importante que ser um *outsider* é conseguir mover os sentimentos daqueles que criticam a "elite" e o *establishment*. Eles podem ser *insiders*, mas *outsiders* sociais e econômicos, ou mesmo apenas possuírem status de *outsiders*, mesmo sendo parte do que se considera a elite política ou econômica (BÓ et. al, 2021)

⁴ O conceito de ideologia fina significa que a ideologia populista é normalmente superficial, adaptável, e complementar à outras ideologias. Ela possui um conjunto similar de características entre si, e é passível de se difundir com mais facilidade (STANLEY, 2008).

do populismo de esquerda latino-americano. Essa diferenciação ocorre em três dimensões diferentes: a material, a política e a simbólica. A exclusão ocorre na dimensão material ao excluir grupos do acesso de recursos estatais, como empregos, enquanto a inclusão se dá quando grupos recebem recursos estatais, podendo ser fruto de reparações por recriminações. A inclusão material é uma propriedade intrínseca do clientelismo, embora também ocorra no populismo. Na dimensão política, a inclusão ocorre através do aumento da participação e representação de grupos sociais, enquanto a exclusão se dá pela prevenção da participação por completo deles. Por fim, na dimensão simbólica a inclusão é feita através da integração de grupos no discurso do “nós” ou o “povo”, enquanto a exclusão é relegar determinados grupos serem entendidos como “eles” ou da “elite”. O discurso populista reivindica um monopólio moral de representação do povo, o que resulta em políticas excludentes de identidade.

Quando nos referimos à direita radical, estamos tentando sintetizar diferentes pensamentos e correntes que possuem um mínimo comum. A estrutura da direita radical parte do conceito de partido ou movimento de famílias. Normalmente se manifesta não como um partido, mas como um movimento. Para o autor, existem alguns aspectos que parecem estar na origem da direita radical. Primeiro, a modernização leva ao aumento da autonomia do indivíduo, entendida aqui como a mobilidade de status e flexibilização. Seguido disso, a diferenciação da sociedade ou segmentação e crescente autonomia de subsistemas sociais. O radicalismo de direita é, portanto, um esforço de desfazer a mudança social, uma vez que essa diferenciação social tem como oposto a comunidade nacional definida. Junto a isso, a individualização tem como oposto o retorno a papéis tradicionais, ou ideias de homogeneização social. Para Mudde (2013), a direita radical populista não é uma patologia normal da democracia, sem relação com seus valores básicos, mas sim uma normalidade patológica, que se esforça para a radicalização dos valores tradicionais.

Para Minkenberg (2002), a possibilidade de entender a direita radical em perspectiva comparada só é possível se associarmos conceitos de mudança social a ela. Os principais traços da ideologia de direita radical são mito da nação homogênea, o ultranacionalismo romântico e utópico contra conceito de democracia liberal e pluralista; a alocação da nação está entre o *demos* e o *ethos*, construída com base em critérios de exclusão étnicos, religiosos, culturais e políticos. Essas características dão a possibilidade de interpretarmos a direita radical como sendo: autoritária-fascista, racista clássica, xenofóbica ou etnocêntrica. Em comum, todas buscam homogeneidade interna da nação e estilo populista anti-*establishment*.

Ao tratarmos da direita radical populista, objeto desse trabalho, Betz (1993) elenca nove características presentes em sua conceptualização de mundo e da política, sendo elas: a criação de discurso opondo o povo comum e a elite, a rejeição dos sistemas sociocultural e sociopolítico, a defesa da conquista individual, a defesa do livre mercado, a defesa de restrições do papel do Estado, a rejeição da igualdade individual e social, a oposição da integração de grupos marginalizados e extensão de direitos democráticos a eles, a promoção da xenofobia e a instrumentalização de sentimentos públicos difusos como ansiedade e ressentimento.

4. Método, análise empírica e resultados

Para entendermos se as campanhas presidenciais de Trump, em 2016, e Le Pen, em 2017, podem ser consideradas como populistas, utilizaremos a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa como método. Para este arcabouço metodológico, o texto é o mais penetrante e persistente produto do comportamento político (MONROE E SCHRODT, 2009).

Partimos de alguns pressupostos epistemológicos quanto ao que definimos como texto. Primeiramente usada por Lasswell et. al. (1952), a análise de conteúdo busca compreender o poder da propaganda política através da análise quantitativa do conteúdo de mensagens políticas. Neuendorf (2002) avança na discussão sobre o que é e como pode ser caracterizada a análise de conteúdo, definindo-a como a análise de mensagens de maneira sistemática, objetiva e quantitativa, que conta com um método científico e que não é limitado aos tipos de variáveis que podem ser medidas ou ao contexto no qual as mensagens são criadas ou apresentadas. Ademais, a técnica dá ao pesquisador a possibilidade de replicar e fazer inferências válidas de textos em seu uso contextual (KRIPPENDORF, 2013).

Uma vez que será usada a codificação automática nesse trabalho através do *software* QDA Miner, não há a criação de um dicionário-base para a análise, visto que ele já está pronto dentro do programa. Além disso, a codificação automática proporciona maior confiabilidade e a diminuição da possibilidade de enviesamento da pesquisa. Para dar um trabalho qualitativo ao que for descoberto, os termos principais serão inseridos na ferramenta “*keyword-in-context*” do *software* para que consigamos analisar em que contexto elas aparecem.

Faremos duas análises: a primeira, quantitativa, verificará qual a frequência geral de palavras nos seus discursos, procurando definir os principais termos mais importantes nos discursos dos candidatos no período das respectivas campanhas. Na primeira parte, quantitativa, verificaremos quais são os grupos de palavras que aparecem juntos nos documentos oficiais, através do mapeamento de co-ocorrência criado pelo *software* WordStat. Para a verificação qualitativa e em parte para a quantitativa usaremos 9 atributos apontados por Betz (1993) como associadas à direita populista e verificaremos se e/ou como são utilizadas pelos candidatos.

4.1. Análise dos discursos de campanha de Donald Trump e Marine Le Pen

Gráficos de escalamento multidimensional (figuras 1 e 2) são representações gráficas de tabelas de contingência em frequências relativas, representadas por círculos de diâmetros diferentes. Este tipo de gráfico permite identificar rapidamente as células de alta e de baixa frequência, apresentando termos mais frequentes em bolhas maiores e agrupando termos que normalmente aparecem juntos com a mesma cor. O agrupamento de termos, chamado de co-ocorrência, acontece quando duas ou mais palavras aparecem no mesmo caso (em parágrafos ou frases, por exemplo).

Em outras palavras, um ponto representa um item e as distâncias entre pares de itens indicam a probabilidade de esses itens aparecerem juntos. As cores são usadas para representar a associação de itens específicos a diferentes partições criadas usando o agrupamento hierárquico. Podemos rapidamente verificar, ao olhar para o mapa, que os termos "*Hillary*", "*establishment*" e "*failed*" aparecem não apenas próximos e em cores similares, mas também em bolhas com tamanho significativo, apontando para a crítica central da campanha contra a candidata do partido concorrente.

Em relação à imigração e a criação de um sentimento de xenofobia, as figuras 1 e 2 nos mostram vários exemplos intrigantes. A associação dos termos "*gay*", "*God*", "*latino*" e "*drugs*" ou "*gay*", "*Deus*", "*latinos*" e "*drogas*" na porção inferior e superior esquerda do mapa; no grupo marrom escuro uma proximidade de cores dos termos "*enemy*" e "*islamic*", que apontam para uma visão negativa de grupos muçulmanos.

Assim como aponta Betz (1994; 2013) associação de ideias xenofóbicas com a direita radical é fruto não do renascimento de um sentimento racista, mas como resultado do desejo que sociedades contemporâneas possuem em proteger suas "ilhas de prosperidade" contra o mundo "de fora", caracterizado pela pobreza, destruição ambiental, violência e desespero crescente, uma vez que problemas internos como desemprego, dívida e infraestrutura seriam suficientes para eles terem que lidar, sem ter que usar o dinheiro da sociedade em questão para *outsiders* da comunidade, seja ela cultural ou política.

Ao estudar a Europa ocidental, o autor verifica que aqueles que apoiavam a direita radical, como a Front Nacional francesa de Le Pen, o *Republikaner* alemão e do FPÖ (Partido da Liberdade da Áustria), colocavam a imigração como um dos maiores problemas a serem resolvidos pelo governo e possuíam atitudes negativas e por vezes hostis em relação à imigrantes e refugiados.

Na figura 2, que mostra os diferentes aspectos do discurso de Le Pen, podemos verificar no centro, como a maior bolha e, portanto, o termo mais citado, a palavra “Français”, ou “povo francês”. Tamaña importância do termo no discurso pode mostrar claramente a tendência de o candidato ser populista. Como aponta Canovan (1999, p.3), o populismo é um apelo a uma autoridade reconhecida e a um povo unido (seja entendido aqui como uma nação ou país) contra os partidos e facções que o dividem, contra a estrutura de poder existente e as ideias e valores dominantes na sociedade, normalmente associados à elite.

A ideia de Estado de Le Pen também é claramente expressa na frequência dos termos em seus discursos. A candidata descreve sua ideia de Estado como uma instituição forte, preocupada com a lei (termos “*État*”, “*defense*”, “*frontières*”, “*forces*” ou “Estado”, “defesa”, “fronteiras” e “força”). O Estado, nacional, funciona para cidadãos nacionais e exerce sua autoridade sobre estrangeiros e comunidades de imigrantes (termos “*gendarme*”, “*legitime*”, “*groupes*” e “*identité*”, ou “policia”, “legítima”, “grupos”, “identidade”). A crítica ao *establishment* é feita através de referências a políticos de oposição, como Macron e Holland, ao detectarmos a proximidade do termo “*faibles*” ou “frágeis” dos seus nomes.

Para verificarmos as 9 características listadas por Betz (1993) como definidoras de partidos e líderes populistas, passaremos à análise qualitativa dos discursos de Le Pen e Trump, usando a ferramenta *keyword-in-context* para conseguirmos mapeá-las através da busca de palavras-chave. Lembramos que o populismo não é tido nesse trabalho como uma ferramenta estratégica a ser utilizada por um candidato ou partido ou apenas como um discurso. O populismo é compreendido como uma ideologia fina. Reafirmamos igualmente que a pergunta que procuramos responder é se podemos definir as campanhas de Donald Trump no Partido Republicano norte-americano e de Marine Le Pen, na Front Nacional francesa como sendo populistas.

A primeira característica populista a ser investigada é a criação de um discurso opondo o povo comum e a elite, normalmente tida como corrupta. Ao procurar a palavra “*people*” ou “povo”/“pessoas”, vemos que é o termo mais usado por Trump em seus discursos⁵. Um claro exemplo de como a campanha cria a imagem de uma elite corrupta pode ser vista no trecho abaixo, no qual ele se refere a pessoas que manipulam e querem continuar a manipular o “sistema” para seu benefício próprio, apoiam Hillary Clinton, sua adversária. É importante verificar que Trump refere-se à essas pessoas em um mesmo momento duas vezes, enfatizando seu caráter negativo e fazendo parcialmente uma rejeição do sistema sociopolítico em vigência:

As pessoas que manipularam o sistema para seu benefício farão qualquer coisa - e dirão qualquer coisa - para manter as coisas exatamente como estão. As pessoas que fraudaram o sistema estão apoiando Hillary Clinton porque sabem que enquanto ela estiver no comando nada mudará. (TRUMP, D. Donald Trump's jobs plan speech, 2016, tradução nossa)

Embora não seja do período analisado neste trabalho, é importante frisar que o slogan da campanha de Le Pen de 2012, “*La voix du Peuple, l'esprit de la France*” ou “A voz do Povo, o espírito da França”, em português, coloca Le Pen como sendo representante direta da vontade do povo francês. Recorrente em seus discursos, Marine Le Pen enfatiza a soberania do povo e a importância da sua segurança. Durante a campanha, recorre diversas vezes à ideia de dar “voz” ao povo, restaurando os princípios democráticos.

Quero dar voz ao povo, restaurando os princípios fundamentais da democracia. O referendo não é uma palavra ruim e não tenho medo do povo. A representação do povo em suas assembleias não é uma quimera. A tarefa de reviver a democracia é imensa, vou enfrentá-la. Devolva a palavra ao povo, mas também, já o expressei muito claramente, ponha o país em ordem.” (LE PEN, 2017a, tradução nossa)

Uma direção mais direta a uma ideia de “povo” vem com o termo “*workers*” ou “trabalhadores”. Em mais de uma instância, Trump se refere ao conjunto de trabalhadores como tendo sua lealdade traída, deixando a eles um legado de pobreza e dor de cabeça. Há uma construção clara de uma elite econômica, associada à globalização que lucra em detrimento da

⁵ O termo não aparece no gráfico pois se encontra na categoria *leftover*, que o software entende como não sendo relevante para a análise. O termo “people”, ou povo, aparece 1383 vezes nos discursos, na frente de “country”, ou país, com 1148 repetições e Hillary, com 1079.

classe trabalhadora. Trump associa o movimento de globalização com o aumento do desemprego na sociedade americana, a qual ele se refere como “comunidade”:

A globalização tornou muito rica a elite financeira que doa aos políticos. Mas deixou milhões de nossos trabalhadores com nada além de pobreza e mágoa. Quando aço estrangeiro subsidiado é despejado em nossos mercados, ameaçando nossas fábricas, os políticos não fazem nada. Durante anos, eles assistiram nas linhas laterais enquanto nossos empregos desapareciam e nossas comunidades mergulhavam no desemprego em nível de depressão. (TRUMP, D. Donald Trump's jobs plan speech, 2016, tradução nossa)

Marine Le Pen, assim como Trump, coloca o povo como vítima do processo de globalização e de mobilidade internacional, obviamente tocante ao desemprego causado por esse movimento. Durante sua campanha, a crítica é feita não apenas em relação à perda de identidade nacional, mas o sentimento de obrigação que a juventude francesa possui em sair do próprio país.

Os globalistas criaram um mundo sem marcos em que nossos filhos não são apenas vítimas como todos nós da imigração, eles também são encorajados a se tornarem migrantes. Da escola, o tempo todo, nos gabamos da mobilidade: na realidade, empurramos, incentivamos, forçamos os jovens franceses a expatriar (LE PEN, 2017b, tradução nossa).

A própria difusão de um sentimento de ressentimento aparece envolvida nesse entremeio. Ressentimento de que os políticos que lideraram o país não colocaram a “América” em primeiro lugar e, portanto, o povo americano não recebeu o respeito que merecia de outros países. É importante lembrar que assim como Betz (1993) coloca, esse é um sentimento nunca explicado por populistas, sendo, portanto, difuso. Ademais, ao passo que Trump volta a ideais nacionalistas colocando que o seu credo será o “americanismo” e não o “globalismo”, Le Pen recorre à ideia de perda de identidade do povo francês caso sua cultura não for preservada, ainda criticando a miscigenação e mobilidade:

O americanismo, não o globalismo, será nosso credo. Enquanto formos liderados por políticos que não colocarão a América em primeiro lugar, podemos ter certeza de que outras nações não tratarão a América com respeito. O respeito que merecemos. (TRUMP, D. Republican Nomination Acceptance Speech, 2016 tradução nossa).

Recusamo-nos a viver em seu mundo que quer estabelecer uma sociedade nômade, desenraizada, desfiliada, sem pátria e até sem sexo. [...] Um povo que perde a memória é um povo que perde o rumo, que perde toda orientação. Um povo que esquece sua história e sua cultura é um povo em perdição. Mitterrand sabia disso e lembrava-o numa fórmula que ficou famosa: , um povo que não ensina sua história é um povo que perde sua identidade. " (LE PEN, 2017c, tradução nossa)

O sentimento de xenofobia é criado em dois eixos durante as campanhas. No caso americano, estão inseridos os muçulmanos e mexicanos; no francês, entre muçulmanos e africanos. Em todas as citações do termo "*islam*" ou "*islã*", o termo "*radical*" está junto a ele. Nesses exemplos, o islã é colocado como sendo antiamericano, antimulheres e antigay. Para Trump, é necessário "dizer a verdade sobre a chegada do Islã às costas americanas". Além disso, como no trecho abaixo, Donald Trump afirma que os valores islâmicos (radicais) são incompatíveis com os valores e instituições ocidentais. A imigração como um todo é colocada em xeque por Trump, que defende que ela seja suspensa quando envolvendo países que possuem um histórico de terrorismo.

Usarei esse poder para proteger o povo americano. Quando for eleito, suspenderei a imigração de áreas do mundo onde há um histórico comprovado de terrorismo contra os Estados Unidos, a Europa ou nossos aliados até que entendamos completamente como acabar com essas ameaças. [...] Não podemos continuar a permitir que milhares e milhares de pessoas entrem em nosso país, muitas das quais têm o mesmo processo de pensamento que este assassino selvagem. Muitos dos princípios do islamismo radical são incompatíveis com os valores e instituições ocidentais. (TRUMP, D. Donald Trump's Speech on the Orlando Shooting, 2016, tradução nossa).

Le Pen também descreve o islã como sendo radical e fundamentalista. Há uma constante referência, assim como para Trump de atividades terroristas com o islã. Para ela, a religião representa uma ameaça à civilização francesa e às mulheres, fazendo a França recuar em suas cidades e bairros. Esse possível avanço do islã no país resulta do enfraquecimento do Estado nos subúrbios, que permite a formação de máfias que escravizam cidadãos franceses. As ideias difundidas por Marine Le Pen durante a campanha apontam para uma nova cidadania, renovada, que respeita os costumes tradicionais da República francesa:

Mas somos obrigados a evocar as novas ameaças que pesam, na própria França, sobre as mulheres. Uma ameaça que é uma afronta direta à nossa civilização. Uma ameaça profunda que está se espalhando e atacando nossa concepção da relação entre homens e mulheres. Sim, o islamismo radical está empurrando para trás, em

nossos bairros, em nossas cidades, conquistas que pareciam definitivas. (LE PEN, 2017d, tradução nossa)

Em um segundo eixo de ódio se encaixam os mexicanos. Enquanto os muçulmanos são uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos, o povo mexicano se coloca como um problema econômico e moral a ser resolvido. A argumentação de Trump baseia-se no fato de que mexicanos ririam dos norte-americanos por fabricarem produtos e venderem para os Estados Unidos, custando empregos no país. Em mais de um momento, Donald Trump se refere à construção de uma fábrica de carros que seria alocada no Tennessee, nos Estados Unidos, mas acabou por ser instalada no México.

Além disso, a imigração seria uma das causas principais do desemprego no país, assim como na França para Le Pen. De certa maneira, podemos ler a imigração como sendo um indicador que Donald Trump se opõe à integração de grupos marginalizados e da extensão de direitos democráticos a eles. Para Trump⁶, o México manda os seus “piores cidadãos” para os Estados Unidos. A criação da xenofobia e um discurso de ódio contra o país se releva no momento que Trump argumenta que mexicanos levam drogas e problemas para a sociedade norte-americana e que eles são estupradores. Le Pen, por outro lado, ao mesmo tempo que faz uma referência nacionalista como visão de mundo, uma vez que não se refere apenas à França, também vincula a imigração ao terrorismo:

Quando o México envia seu povo, eles não estão enviando o seu melhor. Eles não estão enviando você. Eles não estão enviando você. Eles estão enviando pessoas que têm muitos problemas e estão trazendo esses problemas conosco. Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo o crime. São estupradores. E alguns, suponho, são boas pessoas. (TRUMP, D. Donald Trump’s Our Country Needs a Truly Great Leader, 2015, tradução nossa)

Este interesse superior da França vai ao encontro do interesse superior dos vossos Estados e das vossas populações. Porque a emigração é uma tragédia. Sabemos que alguns financiam o terrorismo organizando esses canais de migração (LE PEN, 2017e, tradução nossa).

Em relação a posições econômicas, mais especificamente favorecendo o livre mercado, Trump se coloca “completamente a favor”, desde que “seja feito com pessoas espertas”. Para ele,

⁶ Norris e Inglegate (2019) associam a ascensão de Trump no Estados Unidos com a teoria de *cultural backlash*, explicada a partir de três fatores interativos: demanda, oferta e governança. A mudança cultural de valores durante a segunda metade do século XX, que passaram de preocupações materiais para pós-materiais, como livre escolha e autoexpressão. A associação desses valores, vistos como socialmente liberais, com processos de urbanização, mudanças geracionais, mudanças sociais rápidas e diversidade étnica geram uma resposta em favor de políticas autoritárias e/ou populistas.

livre mercado é ideal, porém muitas vezes não favorece os Estados Unidos. A comparação feita no discurso "*Our Country Needs a Truly Great Leader*" é com a China. Trump conta uma história de como a carga de um amigo chega ao país e é rejeitada por chineses sob alegações que fere códigos ambientais e que isso acontece com frequência. O argumento dele baseia-se no fato que os líderes chineses são mais espertos que os norte-americanos. A história continua com o fato da instalação da fábrica de carros no México. Não fica claro em nenhum momento uma posição oposta ao livre mercado, mas sim ligada ao favorecimento do nacionalismo frente à globalização. Em múltiplos momentos, Trump defende que ele irá transformar os "péssimos acordos comerciais feitos por administrações anteriores" em "ótimos acordos para os Estados Unidos", prometendo não assinar nada que fira os direitos de trabalhadores norte-americanos.

Le Pen propõe, em seus discursos, um papel oscilante do Estado na economia, em momentos mais liberal e em outros, mais protecionista; porém quase sempre nacionalista. Uma de suas principais propostas era a taxação de empresas que empregassem estrangeiros. A candidata propõe, igualmente, uma volta da economia francesa ao industrialismo, cortado pelos ultraliberais, como Macron.

Esta identidade induz a um papel particular do Estado na nossa economia, não para intimidar mas para acompanhar, não para interferir mas para garantir liberdade e igualdade a todos. Essa identidade econômica particular também integra a relação que poderíamos qualificar como, modesta, dos franceses com o dinheiro. Tem em conta a dimensão ou a natureza do nosso tecido empresarial, incorpora a nossa história social ou o nosso estilo de vida no nosso funcionamento e no nosso raciocínio econômico. (LE PEN, 2017c, tradução nossa)

Referente à diminuição do papel e tamanho do Estado norte-americano, Donald Trump acredita que o plano de saúde criado por Barack Obama, conhecido como *Obamacare* e que vincula ao Estado e empresas de saúde privados na promoção de planos de saúde mais baratos para a população, é totalmente desastroso e uma mentira. Um possível apoio dos eleitores para o desmonte do Estado pode ser explicado usando a argumentação de Derks (2006), que defende que a redistribuição mina a transparência, uma vez que a complexidade e falta de transparência de conquistas institucionais podem causar alienação da compreensão de como as políticas sociais funcionam.

Não existem menções diretas nos discursos de Trump e Le Pen que possamos relacionar com as ideias de defesa da conquista individual e da rejeição da igualdade individual e social, mas fica claro que ambos os fatores estão conectados a um ideal de nacionalismo em ambas as campanhas, na defesa do território e dos direitos daqueles que lá nasceram e não dos que chegaram depois.

Considerações finais

Na primeira parte desse trabalho definimos populismo como sendo uma ideologia que dispõe de uma visão monista do povo e seu líder e cria uma oposição entre o povo puro e a elite corrupta. Essa definição nos dá a possibilidade de adaptar o conceito de populismo a diferentes ideologias (se de direita ou esquerda) e aplicar o mesmo em diferentes tempos. Na segunda parte, definimos características comuns aos populismos de direita e tentamos compreender como a direita radical surge como fenômeno social.

A análise dos discursos de Le Pen e Trump através da análise de conteúdo revelam que grande parte dos atributos da direita populista podem ser encontradas em ambas as campanhas, como a criação de um discurso opondo o povo e a elite corrupta, a defesa do livre mercado, a rejeição do sistema sociopolítico, a oposição à integração de grupos marginalizados, a promoção da xenofobia e a instrumentalização de sentimentos difusos de ressentimento. Dessa maneira, temos um resultado positivo à pergunta inicial desse trabalho.

A ascensão de Trump e Le Pen, além de serem comparáveis entre si, podem ser relacionadas a diversos movimentos europeus, como do Partido da Liberdade na Holanda com Geert Wilders e do Partido do Povo Holandês. Não defendemos aqui que o populismo seja contagioso, mas nossa argumentação termina indo de encontro com Mudde (2004). Defendemos que mudanças estruturais, juntamente com a adoção de figuras carismáticas, leva o populismo a ser uma característica mais comum no futuro da democracia.

Referências bibliográficas

ABTS, Koen; RUMMEN, Stefan. 2007. Populism versus Democracy. **Political Studies**, Volume 55, Issue 2.

AALBERG, Toril, Esser, Frank, Reinemann, Carsten, Strömbäck, Jesper, & De Vreese, Claes. (Eds.). 2016. **Populist Political Communication in Europe**. New York London: Routledge.

BETZ, Hanz. 1993. The Two Faces of Radical Right-Wing Populism in Western Europe. **The Review of Politics**, Vol. 55, No. 4.

BETZ, Hanz. 1994. **Radical Right-Wing Populism in Western Europe**. London: Macmillan.

BETZ, Hanz. 2013. The New Front National: Still a Master Case. **RECODE Working Paper Series**, 30.

CANOVAN, Margaret. 1999. **Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy**. *Political Studies*, XLVII. Chicago University Press.

BÓ, Ernesto Dal, Frederico Shimizu Finan, Olle Folke, Torsten Persson and Johanna Karin Rickne. 2021. **Economic and Social Outsiders but Political Insiders: Sweden's Populist Radical Right**.

- DERKS, Anton. 2006. **Populism and the Ambivalence of Egalitarianism. How Do the Underprivileged Reconcile a Right-Wing Party Preference with Their Socio-Economic Attitudes?** In: *World Political Science Review*, Volume 2, Issue 3.
- DORNBUSCH, Rudiger; EDWARDS, Sebastian. 1991. **The Macroeconomics of Populism in Latin America**. Chicago.
- EDWARDS, Sebastian. 2010. **Left Behind. Latin American and the False Promise of Populism**. Chicago: Chicago University Press.
- FREEDEN, Michael. 1996. **Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach**. Oxford: Clarendon.
- GERMANI, Gino. 1978. **Authoritarianism, Fascism, and National Populism**. New Brunswick: Transaction.
- Gray, Judy; Densten, Iain. 1998. Integrating quantitative and qualitative analysis using latent and manifest variables. **Quality & Quantity**, 32, p. 419-431.
- KALTWASSER, Cristóbal. 2014. Latin American Populism: Some Conceptual and Normative Lessons. **Constellations**, vol. 21, No 4.
- KIM, Youngmi. 2008. **Digital Populism in South Korea? Internet Culture and the Trouble with Direct Participation**. Academic Paper Series, Korea Economic Institute, Volume 3, Number 8.
- KNIGHT, Alan. 1998. **Populism and Neo-Populism in Latin America, especially Mexico**. *Journal of Latin American Studies*, v. 30, n. 2.
- KRIPPENDORFF, Klaus. 2013. **Content Analysis – An introduction to its methodology**. London: SAGE Publications.
- KRIESI, Hanspeter. 2014. **The Populist Challenge**. *West European Politics*, Vol. 37, No. 2.
- LASSWELL, Harold; LERNER, Daniel; POOL, Ithiel. 1952. **The Comparative Study of Symbols: An Introduction**. Stanford University Press.
- LE PEN, Marine. Discours à la Rencontre de Metz, 2017a.
- LE PEN, Marine. Discours au meeting de Bordeaux, 2017b.
- LE PEN, Marine. Discours au meeting de Lille, 2017c.
- LE PEN, Marine. Discours au meeting de Mirande, 2017d.
- LE PEN, Marine. Discours au meeting de n'Djaména, 2017e.
- MADRID, Raúl. 2008. The Rise of Ethnopolulism in Latin America. **World Politics** 60, n. 3.
- MINKENBERG, Michael. 2002. The Radical Right in Post socialist Central and Eastern Europe: Comparative Observations and Interpretations. **East European Politics and Societies**, Vol. 16, No. 2, 2002.

- MOFFITT, Benjamin. 2016. The Performative Turn in the Comparative Study of Populism. **Comparative Politics Newsletter**, 26(2), 52-58.
- MONROE, Burt; SCHRODT, Philip. 2009. **Introduction to the Special Issue: The Statistical Analysis of Political Text** In: Political Analysis Advance.
- MUDDE, Cas. 2004. The Populist Zeitgeist. **Government and Opposition**, Volume 39, Issue 4.
- MUDDE, Cas. 2013. Three decades of populist radical right parties in Western Europe: So what? **European Journal of Political Research**, 52.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal. 2013. Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America. **Government and Opposition**, Volume 48, Issue 02.
- NEUENDORF, Kimberly. 2002. The Content Analysis Guidebook. Thousand Oaks: **SAGE Publications**.
- OXHORN, Philip. 1998. The Social Foundations of Latin America's Recurrent Populism: Problems of Popular Sector Class Formation and Collective Action. **Journal of Historical Sociology**, v. 11, n. 2.
- RYDGREN, Jens. **The Radical Right: An Introduction** In: Rydgren, Jens (Org.) The Oxford Handbook of The Radical Right, Oxford University Press, 2018.
- STANLEY, Ben. 2008. The Thin Ideology of Populism. **Journal of Political Ideologies**, v. 13, n. 1.
- TRUMP, Donald. 2015. **Our Country Needs a Truly Great Leader**.
- TRUMP, Donald. 2016. **Donald Trump's jobs plan speech**.
- TRUMP, Donald. 2016. **Donald Trump's Speech on the Orlando Shooting**.
- TRUMP, Donald. 2016. **Republican Nomination Acceptance Speech**.
- URBINATI, Nadia. 1998. Democracy and Populism. **Constellations** 5, no. 1.
- WEYLAND, Kurt. 2001. Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics. **Comparative Politics**, vol. 34, No. 1.
- WORSLEY, Peter. 1969. **El concepto de populismo** In G. Ionescu e E. Gellner (org.), Populismo: sus significados y características nacionales, Buenos Aires: Amorrortu.